

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E CIDADANIA NO CURRÍCULO ESCOLAR



Rosane Camargo

Pós-graduada do Curso de Especialização em Gestão Escolar pela UNICENTRO.

Rosângela Abreu do Prado Wolf

Professora mestre em Lingüística Aplicada, lotada no Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro-Oeste- UNICENTRO/Campus Guarapuava.

RESUMO

Abordar-se-á neste artigo a necessidade de se efetivar uma Educação Ambiental mais coerente nas instituições escolares, tendo em vista os problemas ambientais que têm surgido nos últimos anos, bem como os possíveis agravamentos, caso não seja realizado um trabalho a tempo. Para tanto, de início, será relatado o histórico da Educação Ambiental no Brasil, destacando que somente bem recente é que tem ocorrido preocupação para com a preservação do meio ambiente. Dando continuidade, é que tratará sobre a Educação Ambiental como uma preocupação na atualidade escolar, observando as diversas maneiras para trabalhar de modo interdisciplinar, tentando com isto incorporar novos hábitos para que ocorram mudanças essenciais, para interagir na prática. Destacar-se-á também como os PCNs enfocam esse problema, bem como o que sugere para implementá-lo no currículo. Finalizando, será discorrido sobre uma pesquisa de campo realizada em algumas escolas da comunidade guarapuavana, com o intuito de verificar o grau de conscientização dos professores para com o meio ambiente, procurando observar o que vem sendo realizado para amenizar os problemas ambientais.

Palavras-Chaves: Educação Ambiental, Meio Ambiente, Interdisciplinar.

ABSTRACT

Addressing will be in this article the need to carry out a more coherent environmental education in educational establishments, in view of the environmental problems that have arisen in recent years, as well as possible increases if not a job done on time. For both, would be reported to initiate the history of Environmental Education in Brazil, stressing that only well is that there has been recent concern for the preservation of the environment. Continuing is that it will be on environmental education as a concern at present school, noting the various ways to work so interdisciplinary, trying to incorporate this new habits so that changes occur essential to interact in practice. Highlight will also focus on the PCNs this problem, and which suggests to implement the curriculum. Finally discorrido will be on a field in search of some schools Guarapuava community, which was held with the aim of verifying the level of awareness of teachers to the environment, looking observe what is being done to alleviate the environmental problems.

Key words: Environmental Education, Environment, Interdisciplinary.

1 INTRODUÇÃO

Inúmeras notícias são lançadas diariamente nos meios de comunicação. Há quem se preocupe com a qualidade de vida, a ponto de formar grupos ecológicos com o objetivo de denunciar ações degradantes do meio ambiente. Diante de tais circunstâncias, as autoridades criaram a legislação Federal e Estadual, com o intuito de maior controle sobre os agentes das catástrofes. Por outro lado questionamos: a intervenção governamental é suficiente?

É claro que não. Sabe-se da necessidade de atuação de toda a sociedade, e a sociedade sabe disso. E porque não muda suas atitudes?

Parece uma pergunta que não tem resposta e, o que é pior, para muitos que nem chegam refletir sobre essa problemática. Talvez o homem não acredite na verdade, pois, não a leva a sério. E, nesse particular, a educação escolar pode e deve contribuir de forma substantiva para a criação da consciência ecológica, sem a qual tudo será em vão.

Não pode cometer a estupidez de limitar os alunos em salas de aula, fazendo com que eles “engulam” ecologia como um conjunto de conhecimentos científicos e informações sobre ciclos biogeoquímicos, sistemas de fauna e de flora, cadeias alimentares, classificações de tipos de ecossistema e ainda avaliá-los de forma tradicional – pergunta/resposta. É óbvio que o conhecimento desses fenômenos é indispensável para a compreensão da vida no planeta Terra e ajuda a defender o meio ambiente, porém, só isso não basta.

A Educação Ambiental trata a educação integrada à cidadania, ao dia a dia, à formação da consciência ecológica, saindo da sala de aula de forma transdisciplinar, desenvolvendo atitudes ambientalmente corretas.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Histórico da Educação Ambiental no Brasil

Em 1972, a ONU patrocinou a Conferência de Estocolmo, em que, pela primeira vez, chegou-se a idéia de que a Educação Ambiental é o instrumento para a promoção das mudanças.

Em 1977, reuniu-se a Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, promovida pela UNESCO e pela PNUMA - Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, na qual definiram-se objetivos e princípios norteadores para a Educação Ambiental em todo o mundo.

Em Buenos Aires, em 1988, no Seminário Latino-Americano de Educação Ambiental (onde o Brasil participou), foram formuladas recomendações específicas para o continente.

Todo esse trabalho refletiu-se na Constituição Federal de 1988 que expõe:

Art.225 - todos têm direito ao meio ambiente ecológico/equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para a presente e futuras gerações.

§ 1º - Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao Poder Público:

VI - promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente.

A partir de tal dispositivo cada estado estabeleceu sua constituição estadual. (PETERS, & PIRES, 2000, p. 26)

No Brasil, a visão sobre a evolução da consciência ambiental começou no

ano de 1990, quando algumas pesquisas em São Paulo foram feitas sobre “poluição”, quando a sociedade urbanizada descobriu os efeitos colaterais da industrialização, tida naquele tempo como sinônimo de desenvolvimento.

Em 1991, o Ministério da Educação, enfatizou a necessidade que os sistemas de ensino contemplassem a Educação Ambiental, a partir da Portaria nº 678/91, da Constituição Federal (1989 p.124). Nas considerações, a portaria afirma:

[...] - a educação escolar deve contemplar os temas emergentes que inquietam, interessam e preocupam a sociedade;

- - as condições de vida que caracterizam a época atual, levando o homem a conviver ao mesmo tempo com avanços no campo da tecnologia e graves problemas sociais, fazem com que o sistema educacional e, em particular, os professores devem estar atentos para incorporar ao processo ensino-aprendizagem novos conhecimentos, ao tempo em que devam analisar, refletir e discutir a problemática que hoje aflige a humanidade;
- - os currículos devem se adequar às exigências sociais de modo a preparar os estudantes para agirem no meio em que vivem e, conseqüentemente, enfrentar com melhores condições o futuro que os aguarda.

Continuando, a portaria da Constituição Federal (1989 p. 125) define que:

- O aprofundamento e a exploração desses temas/conteúdos não significam a inclusão de matérias ou disciplinas específicas, mas permearão todo o currículo nos diferentes níveis e modalidades de ensino, ajustando-se, por isso, à idade do estudante e ao nível de aprendizado.

Atendendo à imposição da Carta Magna, os órgãos responsáveis – Conselho Federal de Educação e Conselhos Estaduais – elaboraram pareceres, visando adequar a lei às características do sistema de ensino. No entanto, os professores sabem das dificuldades práticas para a efetivação dos dispositivos legais.

O processo de educação ambiental, como em geral ocorre com todo o processo educacional, exige a participação dos professores, pois, implica tarefa didática e pedagógica.

Cabe aos professores e demais pessoas ligadas ao ensino, possibilitar a aquisição de conhecimentos relativos ao ambiente, tendo em vista a realidade local, do País, como também a mundial. Isto pode ser feito através do acesso às informações e às diferentes experiências sobre problemas ambientais.

Mas, estar informado sobre esses problemas não é suficiente, para que haja uma efetiva participação da população nas questões ambientais.

É necessário adquirir consciência sobre a gravidade de tais questões para a vida de cada um e da comunidade como um todo.

É necessário, também, que as pessoas sejam motivadas a ter uma participação ativa pela melhor qualidade de vida e proteção do meio ambiente.

Quanto mais alto o nível de escolaridade, maior é o conhecimento, o interesse e a preocupação com as questões ambientais.

Dadas a magnitude dos problemas ambientais e a preocupação dos legisladores com a questão, expressa na Constituição Federal, o Conselho Federal de Educação, na condição de órgão normatizador e fiscalizador da educação nacional, foi chamado a emitir parecer sobre a inclusão da Educação Ambiental nos currículos escolares.

Face ao exposto, embora não devendo ser caracterizada como disciplina específica vota o relator no sentido de que este Conselho acolha a presente Indicação, providenciando para que a mesma seja encaminhada aos Conselhos Estaduais de Educação e a todas as universidades e escolas isoladas vinculadas ao sistema Federal que ofereçam cursos de licenciaturas, visando a preparação de professores para o 1º e 2º graus de ensino. E sugere o relator que, no encaminhamento aos conselhos estaduais, se faça um apelo a essas instituições para que, na esfera de suas atribuições, acolham e estimulem a operacionalização das sugestões que se seguem, bem como a exploração dos temas relacionados [...]. (DIAS, 1998, p.334).

Segue-se uma série de sugestões sobre temas que podem ser abordados nas várias disciplinas, entocando a necessidade de defesa e proteção do meio ambiente.

Importa verificar que, tanto o Conselho Federal de Educação como os Conselhos Estaduais, reconhecendo que a atual grade curricular já é bastante extensa, recomendam expressamente que Educação Ambiental não constitua uma disciplina específica. Antes, que seja trabalhada de forma interdisciplinar. Acredita-se que essa opção seja de fato a mais eficaz. Afinal, ao estudar História, Geografia ou Ciências, as questões ligadas ao meio ambiente surgem necessariamente, cabendo ao professor dar a ênfase adequada ao problema.

Não se pode esquecer a Matemática, a Língua Portuguesa, a Educação Artística e a Moral e Cívica, pois que essas disciplinas também podem contribuir, de maneira significativa, para o aprofundamento dos temas ligados à Educação Ambiental.

A questão principal é que qualquer mobilização que ocorrer deverá ser feita com intenção planejada, “[...] mas, a partir da escola, levando a população a posicionamento em relação a fenômenos ou circunstâncias do ambiente”. (DIAS, 1998 p. 331).

Por essa razão, lembra que “[...] a realidade ambiental, sendo dinâmica, mutável e socialmente exercitável, requer para si um tipo especial de educação, que necessita de vários instrumentos para produzi-la – o estado é o principal deles.” (DIAS, 1998, p.331).

O autor ainda defende que é através da educação formal,

[...] como está previsto na legislação que institui a Política Nacional do Meio Ambiente, faz-se necessária uma medida ampla e urgente de sensibilização, não só nos centros urbanos, como também nas áreas periféricas e rurais, colocando o homem no seu verdadeiro lugar, onde ele possa sentir-se força inseparável da natureza, porque é parte de sua estrutura. (DIAS, 1998, p.332)

Por fim, o conselheiro Niskier (1994) salienta a competência que o artigo 5º da Lei 5.692/71, modificada pela Lei 7.044/82, delega aos Conselhos de Educação, para que componham a parte diversificada dos currículos das escolas a eles vinculadas, insistindo para que se procure atuar junto a esses Conselhos, no sentido de que, no cumprimento desse dispositivo, instituem, orientem e estimulem a presença da Educação Ambiental, de forma sistematizada, ao longo de todo o processo formador do futuro cidadão.

Para melhor materializar essa forma de atuar, apresenta uma série de sugestões de condutas e temas a serem desenvolvidos.

A relevância do tema e sua oportunidade, somadas à forma direta e objetiva dada pelo brilho da inteligência de seu proponente, dispensam maiores comentários e são suficientes para que, no entendimento do relator, o conselho se manifeste.

Concorda o relator com o conselheiro Niskier (1998) de que o caminho para a formação ou o reforço dessa consciência ecológica passa obrigatoriamente pela escola de 1º e 2º graus, no desenvolvimento da educação formal.

A dúvida - ou a dificuldade - maior estaria no como fazê-lo. Seria a inclusão de uma Educação Ambiental, com destaque específico, singular e obrigatório nos currículos?

A resposta está nesse parágrafo, na lição de educador dada pelo conselheiro Dom Lourenço de Almeida Prado (1998) ao tratar de proposta para inclusão nesses mesmos currículos de uma “educação antitóxicos”:

[...] Certa vez eu disse que creio na Educação, mas não creio em educações. Há uma tendência a multiplicar as educações em detrimento da Educação. Por isso, não sei se deve instituir uma educação contra a droga, como não sei se há uma educação cívica, uma educação sexual ou uma educação para saúde. Sei que há a educação, educação do homem em sua integridade. O bom, diz o filósofo, tem que ser íntegro, pois qualquer defeito quebra bondade [...] (DIAS, 1998, p.333).

E nesse sentido, em outro parágrafo, prossegue mencionando que:

[...] é aprendendo Português, Matemática. História, Ciências, que se vai aprendendo, sem se dar conta, a ser cidadão, a tirar do trabalho as suas alegrias e amar ao próximo. A educação envolve e realiza as educações. A educação geral é a educação contra a droga. (DIAS, 1998, p. 333).

Diria da mesma forma: a educação geral já engloba em si a pretendida Educação Ambiental.

O problema está, desse modo, em fazer com que essa educação geral se desenvolva na abrangência maior do conceito. Reformular o dia a dia de nossas escolas, eis a questão. Desmassificar a educação, envolvendo no processo todos os que com ela têm que estar comprometidos.

Os professores, orientadores, auxiliares, familiares e os próprios alunos. A escola como um todo, inclusive a comunidade a que serve.

2.2 Educação Ambiental: Uma Preocupação na Atualidade Escolar

A educação ambiental tem que se desenvolver dentro da própria escola. De nada adianta as determinações das leis ou normas específicas, se o professor for apenas titulado, mas se não estiver consciente ou com suficiente preparação para o papel de educador que lhe caberá desempenhar.

Tudo, assim, terá que começar com o repensar do processo formador desse professor/educador para a escola. Para modificar a escola, será imprescindível modificar, antes de tudo, a formação de seu professor. Pois, conforme Moraes (1998, p.33):

Faz-se necessário que se busquem instrumentos e alternativas educacionais que permitam às pessoas o desenvolvimento da capacidade de lidar com a complexidade, o que requer a revisão de conceitos fundamentais predominantes como, por exemplo, estabilidade, equilíbrio, previsibilidade, determinismo e certeza.

Logo, a educação ambiental que tenha por objetivo informar e sensibilizar as pessoas sobre os problemas existentes em sua comunidade, buscando transformar essas pessoas em indivíduos que participem das decisões sobre seus futuros, exercendo desse

modo o direito a cidadania, torna-se instrumento indispensável no processo de desenvolvimento sustentável.

Os programas e projetos de educação ambiental devem promover, simultaneamente, o desenvolvimento de conhecimentos, incluídos os técnicos, de atitudes, de comportamentos e habilidades necessárias à preservação e a melhoria na qualidade ambiental.

Uma das formas de começar a mudar o cenário do futuro dos nossos filhos e netos seria começando a trabalhar com a Educação Ambiental desde a educação infantil, com o intuito de formar cidadãos conscientes dos valores ambientais. todos já sabem e concordam que a E.A. é um instrumento poderoso e capaz de fornecer as condições necessárias, na escola, para que sejam estabelecidas novas relações com o meio ambiente.(WOLF, 2007, p.202).

A conservação do meio ambiente pede como requisito prévio uma estratégia para conservação e melhoria do ambiente e do desenvolvimento, especialmente para enfrentar as necessidades básicas do homem.

A interpretação dos fenômenos que configuram o ambiente, fomentando os valores éticos, econômicos e estéticos, favorecendo comportamentos compatíveis com a preservação e melhoria do ambiente, e desenvolvendo competências práticas para a concepção e aplicação de soluções eficazes para os problemas ambientais.

As atividades deveriam ser estruturadas em torno de problemas ambientais, promovendo a análise desses problemas, através de uma perspectiva interdisciplinar globalizada, que permitisse uma compreensão adequada dos problemas ambientais. Direcionamento a todos os grupos de idade e sócio-profissionais da população.

A educação ambiental não se concebe em partes, há um meio único e natural e, ao mesmo tempo, social. O meio está vinculado à realidade imediata das pessoas, é um bem comum, devendo ser trabalhado com um vínculo entre pessoas, local e com o universal, pois o homem tem a capacidade de escolher e decidir sobre suas ações, o que aumenta a sua responsabilidade em relação à natureza e aos outros homens.

Os projetos de educação ambiental devem gerar ações transformadoras, objetivando ações coletivas, respeitando as diferenças, levando em conta as percepções, emoções e sentimentos da comunidade, grupo ou população envolvidos; trabalhar na perspectivas do futuro, não somente nas esferas racionais como também nas emocionais, auto-estima, da afetividade, solidariedade e amor.

As implementações dos projetos podem surgir tanto por pressão direta dos órgãos de controle, como em termos de compensação ambiental. Por exigências dos órgãos financiadores, por exigência de caráter político, o nem sempre traduz as necessidades da comunidade. Devem ser implantados de forma pontual, sem articulação. As instituições devem ter a capacidade de influenciar positivamente a sociedade, respeitando as suas diferentes manifestações, sendo que a centralização das decisões, atitudes comum em diversos projetos, impede a participação da sociedade.

Enfim, a prática da E.A. nas escolas responderá às necessidades e contribuirá para a solução dos problemas ambientais a partir do momento em que houver a consciência da urgência destas questões pelos agentes que nela atuam. Temos conhecimento, que nesse sentido, os órgãos governamentais que administram o sistema educacional tem buscado, a partir do que reza a Lei 9.795/99, em seu artigo 9º, oferecer documentos e eventos que capacitem os professores a formarem alunos com consciência e atitudes ambientalmente corretas. .(WOLF, 2007, p. 206).

Surge a necessidade da formação permanente e constante dos professores, isto é, que estes tenham como meta aprofundar seu conhecimento em relação à temática ambiental.

Devem ser consideradas as experiências acumuladas dos participantes, assim como a realidade social, econômica, política e social, para evitar a atuação, de forma distante da realidade, bem como discordâncias entre o discurso ambiental e sua prática.

Por isso, cada escola é única, diferente de todas as outras. Cada uma refletir sua ação educativa, a imagem e a personalidade de seu corpo docente.

E, mesmo a partir daí, não se pode continuar a exigir mais dessa escola do que, operacional e objetivamente, ela teria condições de oferecer. Em uma nação jovem, como a brasileira, em que as raízes de uma consciência cultural própria não tiveram ainda tempo suficientes para se aprofundar, pode-se dizer que quase tudo está para ser feito nesse sentido, ou está sendo feito em ritmo tão acelerado que mal permite a absorção e compreensão do real significado sobre o que é educação ambiental.

Mas, alguma coisa precisa ser feita de imediato, para minimizar essa ação devastadora do homem contra a natureza. Seriam medidas tomadas em paralelo, paliativas, já que as corretivas só dariam resultados a médio e longo prazos, pois implicam, acima de tudo, mudanças de atitudes e mentalidade.

Percebe-se que a educação ambiental deve estar presente em todos os espaços que educam os cidadãos, parques, reservas ecológicas, associações, sindicatos, universidades, meios de comunicação, mas, principalmente e privilegiadamente, a escola desde que de forma criativa.

Não há limite de idade para os estudantes, é permanente, dinâmico, variando apenas a metodologia, o enfoque.

Ecologia e educação ambiental tornam-se diferentes justamente pela maneira de se tratar. A ecologia como ciência tem importante contribuição para a educação ambiental, e esta pode estar presente em todas as disciplinas e deve, sendo interdisciplinar e transdisciplinar, abordar aspectos de relação entre humanidade e o meio natural, relações sociais, éticas e tantos outros temas.

Ou seja, agindo de maneira interdisciplinar, o professor estaria trabalhando a educação ambiental dentro de sua disciplina, interagindo com os demais professores das várias disciplinas, em que o Meio Ambiente é o eixo norteador dos trabalhos desenvolvidos, enquanto que o estilo transdisciplinar, conforme conceitua D'AMBRÓSIO (1997 p. 79), reside na postura transcultural de respeito pelas diferenças; de solidariedade na satisfação das necessidades fundamentais, e de busca de uma convivência harmoniosa com a natureza.

A solução não está em fazer da ecologia uma disciplina obrigatória nos currículos, mas em educação ambiental escolar deve-se enfatizar o estudo do meio ambiente onde vive o aluno, procurando levantar os principais problemas da comunidade, as contribuições da ciência, os conhecimentos necessários e as possibilidades concretas para a solução deles.

O fato de a educação ambiental escolar priorizar o meio onde vive o aluno não significa, de forma alguma, que as questões (aparentemente) distantes, do seu cotidiano não devam ser abordadas, pois não se deve esquecer que está procurando desenvolver não só a sua consciência e participação como cidadão brasileiro, mas também como cidadão planetário.

Para muitos professores, pais, alunos, etc., a educação ambiental só pode ser feita quando se sai da sala de aula e se estuda a natureza. Essa é uma atividade pedagógica muito rica de possibilidades, mas se corre o risco de tê-la como única atividade possível, quando na verdade é apenas mais uma.

É sempre muito agradável poder passar algumas horas estudando ou fazendo atividades em parques ou reservas ecológicas, jardins botânicos, ou em qualquer

lugar rico nos seus aspectos naturais.

No entanto, a natureza conservada não deve ser apresentada como modelo, já que o que existe no cotidiano entre o homem e a natureza é uma relação de permanente transformação de ambos. Claro que devemos preservar determinados locais de interesse ecológico, histórico e artístico, conhecê-los e admirá-los, porém, não devemos tê-los como modelo extensivo a todo meio natural e/ou construído.

A educação ambiental realizada nesses espaços deve enfatizar os motivos pelos quais foi e deve ser preservada, bem como ressaltada sua importância estética, histórica e ecológica para os homens do passado e para os contemporâneos.

Enfatizamos que se deve ter um maior contato com a comunidade. As saídas da sala de aula, ou mesmo da escola, devem, sempre que possível, ser feitas, mas não necessariamente só em visitas às áreas preservadas.

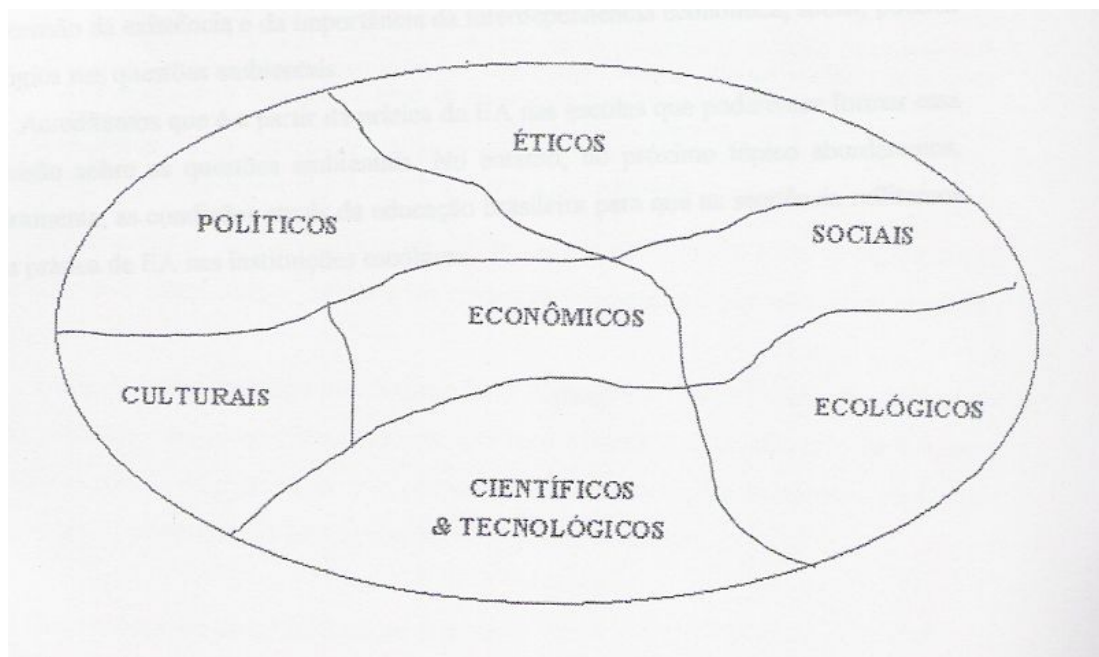
Quantas vezes os professores organizam, com muita dificuldade, atividades em locais situados a muitos quilômetros de distância da escola, desconsiderando que ali mesmo existem possibilidades interessantes?

Pode ser na cozinha, observando a presença ou não dos agrotóxicos nos alimentos, os hábitos alimentares, o desperdício e as possibilidades de mudanças; no jardim da escola, pode-se estudar a sua rica ou pobre biodiversidade. Nas imediações da escola, estudar as indústrias e as suas fontes poluidoras, as atividades agrícolas, as atividades comerciais, ou, ainda, o movimento do trânsito, as poluições: sonora, visual, da água e do ar, o crescimento da população, a rede de saneamento básico, entre muitos outros.

Muitos parques e reservas ecológicas, assim como os movimentos ambientalistas, oferecem atividades de educação ambiental às escolas.

Na maioria das vezes, tais atividades se baseiam na transmissão de conhecimentos científicos e na conscientização para a conservação da natureza. Essas atividades têm o seu valor, mas se não abordam os aspectos políticos, econômicos, culturais e sociais, não podem ser consideradas como educação ambiental, mas sim como ensino de biologia e/ou ecologia, em que, na maioria das vezes, o homem é apresentado como um elemento a mais na cadeia de energia, ou ainda, como o vilão da história.

Abaixo o diagrama de DIAS (1998 p. 109) enfatizando as áreas, dimensões que devem abordar a questão ambiental.



A educação ambiental deve ser incorporada com dimensões socioeconômicas, políticas, culturais e históricas. Devendo ser considerada as condições de cada país, região e comunidade, envolvendo sua história, através da cidadania, devendo incluir o conceito abrangente/globalizante permitindo a superação dos obstáculos à utilização do meio e sua preservação.

Com o crescente debate relacionando o meio ambiente às questões sociais, essas atividades tendem a se adaptar, porém se deve ficar atento para que o conservadorismo biológico a que normalmente se propõem não se transforme em conservadorismo político, caracterizado pela visão biologizante do homem. Em síntese, estou afirmando que o professor pode educar ambientalmente em qualquer lugar.

Nos objetivos da educação ambiental, segundo a carta de Belgrado, a conscientização parece a tarefa mais difícil, pois o conhecimento, o comportamento, a competência, a capacidade de avaliação e a participação são resultados do processo da consciência ambiental.

Como desenvolver esta consciência?

Esse processo sedimentou-se durante milênios. O homem, porém, não é um ser passivo. É ele quem faz a história. É, ao mesmo tempo, vítima e agente. Não cabe aqui nos determos nesse problema. Mas, nesse desenvolvimento histórico, no que diz respeito ao meio ambiente do homem, chegamos progressivamente a uma situação trágica: pela primeira vez, na vida da Terra, corremos o risco de não sobreviver. Mais: de destruímos o nosso próprio planeta. (CHIAVENATO, 1994, p. 9)

O homem sabe de toda a problemática, por exemplo, do lixo, mas continua a jogar papel no chão Chiavenato (1994), numa análise bem reflexiva, questiona: será que o homem é “burro”? e acrescenta:

Impossível deixar de perguntar: será que o homem é burro?

Não se trata de um exercício de “palpitologia”. A destruição do meio ambiente, o perigo que a Terra corre, o risco de o homem desaparecer são verdades afirmadas por ecólogos de todas as correntes científicas e políticas. Se é assim, por que o homem não reage?(...)

Acontece algo mais grave, quase nunca discutido. Hoje em dia, as técnicas de destruição são muito mais avançadas do que as colocadas a serviço do homem. O que é normal, dentro do processo em curso: o arsenal tecnicista para aumentar ou melhorar a produção é amparado e impulsionado pelo capital, que com isso, consegue maiores lucros. É mais lucrativo aumentar a produção envenenando a terra com agrotóxicos, obtendo assim ilusoriamente (veremos adiante por que) mais grãos, do que expandindo os campos e praticando uma agricultura natural, a qual, por suas características, emprega maior número de trabalhadores. Importa o lucro, não o deslocamento do homem do campo para a cidade; e menos ainda a qualidade do alimento.

Por outro lado, existe toda uma propaganda em torno dos métodos e processos artificiais e agressivos de produção. O homem comum é bombardeado com informações sobre as benesses da técnica, a qual se apresenta como aliada contra a fome, entre outras coisas. O condicionamento cultural é uma barreira quase intransponível para que ele adquira consciência da verdade. Se isso é assim no Brasil, nos estados Unidos chega a Ter aspectos demonológicos: o capital e a propriedade privada são intocáveis enquanto fontes de defesa contra o bárbaro comunismo ateu e liberticida.

A série de falácias se harmoniza para transformar o que poderia ser uma

sociedade feliz e abundante em infeliz abundância. Esse processo não começou ontem: hoje, vive-se a culminância de uma política desumana que, mais cedo do que se esperava – talvez nunca se tenha esperado ou se pensado no caso, vê-se às portas da tragédia ecológica. (CHIAVENATO, 1994, p. 23)

O que o autor Chiavenato discute é um fato muito presente em nosso meio, ou seja, fala-se muito, tenta-se achar o culpado, surgem idéias, mas na prática, a mudança de atitude pouco acontece. Ele chama atenção para mudança aqui e agora sem mais adiamentos, pois amanhã pode ser tarde demais. De outra forma, como dizer e convencer as pessoas de que aquilo que está disponível para seu consumo imediato não é o melhor para o meio em que ele vive. Sabemos que vivemos numa sociedade altamente consumista e imediatista, em que ocorre a troca e o prazer de curto prazo pelos resultados de longo prazo.

Esse não parece ser um dos grandes desafios da tão almejada sustentabilidade. Provocar a mudança de hábito numa sociedade acostumada às facilidades e “vantagens” oferecidas pela crescente tecnologia. A questão precisa ser discutida com mais profundidade, o sistema de preservação ambiental deve ser mais trabalhado para a conscientização do homem em relação às suas ações.

Precisa-se passar por uma alfabetização ecológica e rever hábitos de consumo, desenvolvendo uma ética de cuidado com o planeta.

Muito se fala em qualidade de vida na atualidade, há escolas que a tem, como disciplina. Pois a qualidade de vida está intimamente ligada ao meio ambiente e a educação ambiental.

Não como disciplina, mas como projeto, acredita-se que a única forma de conscientizar os educandos, é estabelecer um vínculo de atividades ambientalmente corretas, pesquisas de campo, trabalhos em grupos, fórum para debates, ou seja, definitivamente sair das quatro paredes da escola.

Não é tarefa fácil, é preciso um trabalho interdisciplinar, entrosamento entre a direção, corpo docente e comunidade.

“A atitude governamental, apenas, não é suficiente. Urge que toda a sociedade se mobilize em defesa da qualidade de vida” (PACHECO e FARIA, 1992, p. 9).

Em todos os congressos, conferências fica claro a importância da escola no processo da Educação Ambiental, não como uma disciplina específica, mas integrada ativamente ao currículo.

Para Reigota (1994) a ECO-92 precisa ser encarada com senso de realidade, pois,

Seria muito ingênuo pensar que todo esse movimento não passou de um modismo e oportunismo passageiros. Após a ECO- 92, nada será como antes. As propostas educativas e ambientalistas que tem condições morais, éticas, técnicas, econômicas e políticas de se firmarem permanecerão entre nós, mesmo que minoritárias (REIGOTA, 1994, p.55).

De acordo com o que o pesquisador aponta, uma grande dificuldade que encontramos é a interação entre os professores para desenvolver um trabalho interdisciplinar. O pouco conhecimento dos profissionais e, portanto a falta de consciência ambiental deixa truncada essa questão.

Ainda se passou por um momento conteudista na educação. Os professores preocupam-se em vencer os conteúdos e por isso não podem “perder aulas”! Como se realizar um trabalho extra classe fosse “perder”.

Ressaltamos aqui de que seria em vão apenas o trabalho extra classe. O conteúdo é elementar, é preciso as aulas de biologia, ecologia, geografia. Apenas a

educação ambiental, fica configurado um equívoco que não beneficia nem o desenvolvimento dessas disciplinas, nem o desenvolvimento da educação ambiental, tampouco e o que é mais grave, a compreensão e a atuação dos alunos junto aos problemas ambientais.

3 EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA: O QUE DIZEM OS PCNS

O tema meio ambiente é um dos temas transversais dos PCNs¹ que se tornou umas das principais questões nas escolas brasileiras. Não é difícil introduzir a discussão com os alunos, pois, boa parte deles demonstra interesse pelo tema e carrega informações adquiridas fora da escola, por meio de conversas com outras pessoas ou absorvendo conteúdos dos meios de comunicação. É importante desenvolver nos jovens uma postura crítica em relação a tais informações para que tenham uma visão mais segura diante da realidade.

Muitas vezes, as terminologias usadas em meio ambiente, em especial nos meios de comunicação, não são apropriadas, seja por descuido ou por desconhecimento. É importante conhecer o exato significado dos termos como, por exemplo, preservação ambiental e conservação ambiental. A preservação ambiental é a ação de proteger um ecossistema, não permitindo intervenção humana; a conservação é o uso racional de um recurso qualquer, para se obter um bom rendimento, ou seja, usar com cuidado.

Fazem parte dos conteúdos de Educação Ambiental formas de manutenção da limpeza do ambiente, práticas na agricultura, formas de evitar desperdícios, até como elaborar com uma campanha ou saber dispor dos serviços existentes.

Os PCNs (1997) apresentam como sugestão uma possível seqüência de etapas para planejamento; como apresentar um tema aos alunos, apresentando fatos tanto de forma dialogada como de forma prática acompanhadas de alguns recursos como trechos de jornais, filmes e até mesmo uma saída de campo. É necessário delimitar os problemas que serão investigados e levantar hipóteses para soluções. Incentivar a utilização de fontes diferentes para despertar maior interesse e conhecimento nos alunos. A avaliação, individual ou em grupo pode ser feita em forma de seminários, relatórios ou outros meios que mostrem sistematização final de conhecimentos.

As aulas de campo e em laboratórios estimulam o aprendizado, porém o planejamento das atividades deve levar em conta os riscos reais e potenciais à integridade física.

Ainda, conforme os PCNs, (1997), uma boa sugestão para aulas de campo é um passeio em um parque da cidade onde os alunos possam perceber a variedade de espécies, os hábitos dos animais, os efeitos da poluição sobre o ambiente, as várias formas de mostrar as nuances sonoras da natureza.

Também deve ser observada a destruição da mata nativa, muitas vezes ocasionadas por fenômenos provenientes de vários tipos de poluição.

Os alunos podem ser incentivados a verificar como o solo, o relevo e a vegetação se comportam diante dos fatores climáticos e ambientais, como também buscar ferramentas para recuperar o local.

Trabalhar com o tema meio ambiente através da Educação Ambiental deve ser entendido como um trabalho em prol de uma educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara o cidadão, para exigir justiça social cidadania e planetária, autogestão e

¹ Os PCNs são Parâmetros Curriculares Nacionais que trazem conteúdos a serem trabalhados no ensino fundamental e que incluem temas transversais como Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Orientação Sexual que devem ser abordados de forma transversal, ou seja, deve preparar todas as disciplinas.

ética nas relações sociais e com a natureza.

3.1 A EDUCAÇÃO QUE FORMA UMA CONSCIÊNCIA AMBIENTAL: EDUCAÇÃO AMBIENTAL

À medida que a humanidade aumenta sua capacidade de intervir na natureza, para satisfação de necessidades e desejos crescentes, surgem tensões e conflitos quanto ao uso do espaço e dos recursos em função da tecnologia disponível. Nos últimos tempos, um modelo de civilização se impôs, trazendo a industrialização com sua forma de produção e organização do trabalho, além da mecanização da agricultura que inclui o uso intenso de agrotóxicos e a urbanização, com um processo de concentração populacional nas cidades.

A tecnologia empregada evoluiu rapidamente com conseqüências desastrosas, que se agravam com igual rapidez. A exploração dos recursos naturais passou a ser feita de forma demasiadamente intensa. Recursos não renováveis, como o petróleo, ameaçam escassear. De onde se retirava uma árvore, agora se retira centenas, onde moravam algumas famílias, consumindo alguma água, e produzindo poucos detritos, agora moram milhões de famílias, exigindo imensos mananciais e gerando milhares de toneladas de lixo por dia. Essas diferenças são determinantes para a degradação do meio onde se insere o homem. Sistemas internos de origem vegetal e animal são tirados de seu equilíbrio. É a riqueza gerada no modo econômico que propicia a concentração da renda, não impede o crescimento da miséria e da fome. Algumas das conseqüências indesejáveis desse tipo de ação humana são, por exemplo, o esgotamento do solo, a contaminação da água e a crescente violência nos centros urbanos.

À medida que tal modelo de desenvolvimento provocou efeitos negativos mais graves, surgiram manifestações e movimentos que refletiam a consciência de parcelas de população sobre o perigo que a humanidade corre ao afetar de forma tão violenta o seu meio ambiente. Em países como o Brasil, preocupações com a preservação de espécies surgiram já há alguns séculos, como no caso do “pau-brasil”, por exemplo, em função de seu valor econômico. No final do século passado, iniciaram-se manifestações pela preservação dos sistemas naturais que culminaram na criação de Parques Nacionais, como ocorreu nos Estados Unidos.

Nas nações mais industrializadas, passa-se a constatar uma deterioração na qualidade de vida que afeta a saúde tanto física quanto psicológica dos habitantes das grandes cidades. Por outro lado, os estudos ecológicos começam a tornar evidente que a destruição, e até a simples alteração, de um único elemento num ecossistema pode ser nociva e mesmo fatal para o sistema como um todo.

Até por volta da metade do século XX, ao conhecimento científico da Ecologia, somou-se um movimento ecológico voltado no início, principalmente para a preservação de grandes áreas de ecossistemas “intocados” pelo homem, criando-se parques e reservas.

Conforme Chiavenato (1994), a maior parte dos problemas atuais, decorrentes do modelo de desenvolvimento, economia e sociedade, podem ser resolvidas pela comunidade científica. Confia-se na capacidade da humanidade produzir novas soluções tecnológicas e econômicas a cada etapa em respostas a problemas que surgem, permanecendo basicamente no mesmo paradigma civilizatório dos últimos séculos.

A questão ambiental também representa uma síntese dos impasses que o atual modelo de civilização acarreta. Aquilo a que se assiste, no final do século XX, não é só uma crise ambiental, mas uma crise civilizatória (PCNs, 1997, p.22).

Ainda conforme a mesma fonte, a superação dos problemas exigirá mudanças profundas na concepção do mundo, de natureza, de bem-estar, de poder, tendo por base novos valores individuais e sociais. Faz parte dessa nova visão de mundo a

percepção de que o homem não é o centro da natureza. O homem deveria se comportar não como dono do mundo, mas, percebendo-se como parte integrante da natureza, resgatar a noção da sacralidade, respeitada e celebrada por diversas culturas tradicionais antigas e contemporâneas.

Tanto uns quanto os outros, reconhecem que a forma clássica criada pela ciência ocidental para estudar a realidade, subdividindo-a por áreas do conhecimento, não é suficiente para a compreensão dos fenômenos ambientais. A complexidade da natureza exige uma abordagem sistêmica para seu estudo, isto é, um trabalho de síntese, com os diversos componentes vistos como um todo partes de um sistema maior, bem como em suas correlações e interações com os demais componentes e seus aspectos. Fazendo-se uma analogia entre um sistema natural em estudo e uma rede de pesca, da mesma forma que para conhecer a rede, não basta observar os seus nós, mas é fundamental iluminarem-se os fios que interligam esses nós. Para se conhecer um sistema, não basta observar suas partes, mas é preciso enxergar como elas se interligam e se modificam, em sua própria estrutura e sentido de ser, por causa dessas interações.

Os desníveis econômicos entre grupos sociais e entre os países, tanto em termos de riqueza quanto de poder, criam vetores importantes de pressão sobre as políticas econômicas e ambientais em cada parte do mundo. O poderio dos grandes empreendimentos transnacionais torna-os capazes de influir fortemente nas decisões ambientais que governos e comunidades deveriam tornar, especialmente quando envolvem o uso dos recursos naturais. A interdependência mundial se dá também sob ponto de vista ecológico. O que se faz num local, num país, pode afetar amplas regiões ultrapassando várias fronteiras. Se um país, por exemplo, resolver fazer um experimento atômico, o mundo todo sofre, em menor ou maior grau, as conseqüências dessa ação. Um desastre numa usina atômica contamina, num primeiro momento, apenas o que está mais próximo, pessoas, alimentos, todas as formas de vida são afetadas. Num segundo momento, pelas correntes de água, pelos ventos e pelas teias alimentares, dentre outros processos, a contaminação pode chegar a qualquer parte do mundo.

Com a inevitável interferência que uma nação exerce sobre a outra por meio das ações relacionadas ao meio ambiente, a questão ambiental torna-se internacional. Ao lado da chamada “globalização econômica”, assiste-se a globalização dos problemas ambientais, o que obriga os países a negociarem, a legislarem de forma que os direitos e os interesses de cada nação possam ser minimamente limitados em função do interesse maior da humanidade e do planeta.

A questão ambiental consiste num conjunto de temáticas relativas não só à proteção da vida no planeta, mas também, à melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida das comunidades, compõe a lista dos temas de relevância internacional.

O papel da escola como elemento indispensável para a transformação da consciência ambiental é de fundamental importância.

Por ocasião da Conferência Internacional Rio/92, cidadãos representando instituições de mais de 170 países, assinaram tratados nos quais se reconhece o papel central da educação para a “construção” de um mundo socialmente justo e ecologicamente equilibrado, “o que requer”, responsabilidade individual e coletiva em níveis local, nacional e planetária”. E é isso, o que se espera da Educação Ambiental no Brasil, que foi assumida como obrigação nacional pela Constituição promulgada em 1988.

Sabe-se que a educação sozinha não é suficiente para encaminhar os rumos do planeta, mas certamente é condição necessária para tanto. Pois o Brasil, além de ser um dos maiores países do mundo em extensão, possui inúmeros recursos naturais de fundamental importância para todo o planeta. Dono de uma das maiores biodiversidades do mundo tem ainda uma riqueza cultural vinda da interação entre os diversos grupos étnicos, o que traz contribuições para toda a comunidade.

Parte desse patrimônio cultural consiste no conhecimento importantíssimo,

mas ainda pouco divulgado, dos ecossistemas locais: seu funcionamento, sua dinâmica e seus recursos.

“O termo biodiversidade (bio = vida; diversidade = diferença), consiste no conjunto total de disponibilidade genética de diferentes espécies e variedades, de diferentes ecossistemas”. (VESENTINI, 1988, p. 42).

As atividades humanas estão agora acelerando muito as mudanças nas condições ecológicas, levando às rápidas mudanças climáticas e à extinção de espécies e variedades, o que tem uma gravidade considerável.

Nesse contexto, fica evidente a importância de se educar os futuros cidadãos brasileiros para que, como empreendedores, ajam de modo responsável e com sensibilidade, conservando o ambiente saudável no presente e para o futuro, como participantes do governo ou da sociedade civil, saiba cumprir suas obrigações, exigir e respeitar os direitos próprios e os de toda comunidade, tanto local como internacional, e como pessoas, qualidade de suas relações extra e interpessoais com o ambiente, tanto físico quanto social.

A preocupação em relacionar a educação com a vida do aluno, seu meio, sua comunidade, não é novidade. Ela vinha crescendo desde a década de sessenta no Brasil, e se acentuou a partir da década de setenta, com o crescimento dos movimentos ambientalistas, que visaram à busca da conscientização, através, de diversos setores da sociedade, e se afirmou com a Constituição de 1988, quando a Educação Ambiental se tornou exigência Constitucional exigidas pelos governos, Federal, Estadual e Municipal.

Acredita-se que esse processo de formação física e mental, que chamamos de Educação Ambiental, é a única esperança de mudança para esse nosso mundo.

4 PESQUISA DE CAMPO: A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA

Quando se trata de problemas ambientais, exige-se por si só mudança de hábito com atitudes que surtam efeito. Uma das saídas é investir na base, ou seja, trabalhar com as crianças, pois através delas sensibilizaremos os adultos que as rodeiam e estaremos formando cidadãos com consciência ambiental e atitudes corretas.

Sabe-se que muitas instituições escolares já vêm desenvolvendo um trabalho interdisciplinar com sua clientela, seja ela pública ou privada.

Nesse sentido, com o intuito de verificar como vem sendo desenvolvido o trabalho em algumas escolas do município de Guarapuava/PR², realizou-se uma pesquisa de campo. O processo da pesquisa consiste em uma investigação sobre o trabalho realizado em educação ambiental e, questionários realizados com professores, alunos e pedagogas. Foram pesquisadas três escolas públicas³, que se encontram localizadas em bairros periféricos da cidade de Guarapuava, cuja clientela é oriunda de famílias que possuem baixo grau de escolaridade. Constatou-se ao aplicar os instrumentos que muitas dessas famílias pelas suas condições socioeconômicas não possuíam consciência acerca do grau em que se encontram os problemas ambientais na atualidade. Por isso o trabalho demandou mais tempo para surtir efeito.

Na escola 1, de início, entrevistaram-se os professores perguntado o que é educação ambiental para eles?

Nessa questão, tiveram as mais variadas respostas, desde o possuir

² O município de Guarapuava está localizado na região Sul do Paraná, com aproximadamente 170.000 habitantes.

³ As escolas foram numeradas (1, 2, e 3) para não expô-las, primando pelo sigilo da pesquisa e por uma questão ética.

consciência que fazem parte de um ecossistema e que dele dependem para viver bem, por isto é importante preservá-la. Ou então, é o ato de promover o desenvolvimento da capacidade de interagir com o lugar que se vive, bem como os seres vivos, ou ainda, é a inter-relação e a interdependência dos diversos elementos na constituição e manutenção da vida.

Para os professores educação ambiental, é uma ação educativa permanente pela qual a comunidade educativa têm a tomada de consciência de sua realidade global, do tipo de relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza. Eles vêem educação ambiental muito mais além do que apenas um projeto de reciclagem, e que a educação ambiental também está relacionada com a prática das tomadas de decisões e a ética que conduzem para a melhora da qualidade de vida.

Dando continuidade, foi perguntado qual a importância da educação ambiental no currículo escolar.

Todas consideram de suma importância, não só para a escola, mas, para com isso bem interagir no meio social, pois o futuro da humanidade depende da relação estabelecida entre a natureza e o uso que o homem faz de seus recursos. Outros ainda acham importantes, pois só com a educação ambiental nos bancos escolares é que poderemos salvar o pouco que resta.

Outros ainda consideram importante para que, com o tempo, os adultos vão formando a conscientização em relação à preservação adquiram hábitos saudáveis de convivência com o meio ambiente.

Foi questionado também sobre o aumento dos problemas ambientais relacionados ao modelo capitalista e ao consumismo, como se tem trabalhado com os alunos em relação à questão ambiental?

A grande maioria dos professores entrevistados disse que ministram aulas expositivas, como também passam filmes educativos, tentando mostrar a realidade e a partir disso tentar conscientizar a necessidade de incorporar novos hábitos, cada um começando por sua casa, seu bairro.

Nota-se que os professores trabalham a questão ambiental, apenas como uma disciplina, que faz parte do currículo e não como uma questão de conscientização educacional. É necessário que haja um processo que busque despertar a preocupação individual e coletiva para a questão ambiental, garantindo o acesso à informação em linguagem adequada, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e estimulando o enfrentamento das questões ambientais e sociais. É preciso trabalhar não apenas a mudança cultural, mas também a transformação social, assumindo a crise ambiental como uma questão ética e política. Os professores não foram muito claros em relação como trabalhar a educação ambiental e pode se perceber que essa temática é pouco trabalhada na escola.

Mais adiante, foi indagado sobre posicionamento para interagir no campo social. O que precisa ser feito, quais meios, enfim, de que forma é viável ir a campo para que a Educação Ambiental produza resultados.

Questões desse tipo surgiram inúmeros pontos de vista por parte dos professores, mas todos concordam que, além da escola, outras entidades também devem se envolver para que surta efeito, pois a escola sozinha não pode fazer muita coisa.

Todos afirmaram a importância de ser ter a Educação Ambiental no Currículo Escolar desde cedo, com o intuito de levar a criança a aprender a preservar os diversos tipos de ambientes em que convive, reciclando lixo, plantando árvores e deixando de arrancá-las, bem como, reaproveitar a água dentre outras práticas essenciais.

Alguns professores argumentaram que a mídia tem auxiliado nessa conscientização, mas que na prática pouco resultado tem tido, pois atitudes não têm sido incorporadas pela maioria na sua relação com o meio ambiente.

Acreditam que precisaria trabalhar mais a população, já que esta não está

entendendo à gravidade do problema, mas tão somente encaram como mais uma das campanhas que surgem a todo o momento.

Outros ainda acham que para funcionar e acabar com os crimes ambientais, precisaria de mais fiscalização, aplicando até multa, só assim o povo se educa.

Na escola 2, sete professores responderam o questionário, e quanto à pergunta “O que é educação ambiental?”, as respostas foram variadas, como levar a criança a aprender preservar os diversos tipos de ambiente, desde o local onde se vive, respeitando o ambiente e também da consciência sobre o cuidado com ela. E também que é através da educação da qual obtemos informações através de palestras ou meios de comunicação sobre os cuidados e da responsabilidade necessária para conviver como parte desse ambiente.

Com essa resposta, pode-se perceber que o conceito de educação ambiental está um tanto vaga, ou seja, pelo visto ainda não sentiram a gravidade do problema e conseqüentemente não tem investido em conscientização de maneira mais coerente. Observa-se também que as práticas utilizadas são bastante simples sem interação direta com o meio ambiente para incorporar o aprendizado. Problemas dessa natureza deve haver interação, utilizando-se de atividades mais dinâmicas, pois, como se sabe, tudo que é vivenciado torna-se mais facilmente assimilado.

Sobre a importância da E.A no currículo escolar, os professores o consideram de grande importância, desenvolvendo através dele a conscientização dos alunos para que possam preservar o ambiente.

Sem dúvida, alguns temas como esse podem ser trabalhados de modo interdisciplinar, interagindo com outros conteúdos nas diversas disciplinas. Pois tendo em vista as respostas que a natureza tem dado em função da devastação desmedida, sem critério e pela gravidade não podemos mais ficar adiando e nem tampouco transferindo para outras pessoas a responsabilidade que é de todos e principalmente de educadores que possui um papel especial neste contexto.

Conscientização é muito importante para ocorrer mudança de atitude, do contrário ficaremos só no discurso.

Pois, como bem discorre D' Ambrósio (1997):

A transdisciplinaridade não constitui uma nova filosofia, nem uma nova metafísica. Tampouco uma ciência das ciências. Muito menos uma nova atitude religiosa. Em todas as culturas o conhecimento está subordinado a um contexto natural, social e de valores. Indivíduos e povos criam, ao longo da história, instrumentos teóricos de reflexão e observação. Associados a estes, desenvolvem técnicas e habilidades para explicar, entender, conhecer e aprender, visando saber e fazer.

Assim, teorias e práticas são respostas a questões e situações diversas geradas pela necessidade de sobrevivência e transcendência. A transdisciplinaridade é o reconhecimento de que não há espaço nem tempo culturais privilegiados que permitam julgar e hierarquizar, como mais corretos ou verdadeiros, complexos de explicações e de convivência com a realidade.

A transdisciplinaridade é uma postura transcultural de respeito pelas diferenças; de solidariedade na satisfação das necessidades fundamentais, e de busca de uma convivência harmoniosa com a natureza. (D'AMBRÓSIO, 1997 p. 79,80)

Pelo conceito de D'Ambrósio, percebe-se que a transdisciplinaridade é uma necessidade no campo da Educação Ambiental.

Foi questionado sobre o aumento dos problemas ambientais no modelo capitalista e de que maneira os professores trabalham essa conscientização com seus alunos. Alguns professores dizem trabalhar no próprio local escolar, por meio do cuidado do

próprio ambiente, e também com textos, trabalhos em grupos feito na própria sala de aula, orientações como separar os lixos reciclados, economia de água. Houve outros professores que não descreveram a forma que trabalham a conscientização na sala de aula.

Quando questionado sobre o trabalho com um projeto que aborda a questão ambiental nessa escola, a maioria dos professores afirmam ter um projeto sobre a questão ambiental, porém um deles afirma não ter nenhum projeto implantado e que aborde tal questão.

Outra vez, pode-se observar uma falta de comprometimento com as questões ambientais, principalmente tendo em vista a gravidade que tem se apresentado nos últimos anos. Alguns elaboram projeto e tentam aplicá-los, mas não se percebe um empenho que convença os alunos a efetuar uma mudança de postura.

Os professores também têm a opinião que a população não está consciente sobre os problemas ambientais, que é necessário dar condições para enriquecer a cultura do povo sobre essa problemática, pois falta consciência e responsabilidade.

Os projetos escolares são de grande importância para contribuição ambiental, pois as crianças desde cedo aprendem a dar valor ao ambiente em que vivem e passá-lo para outras pessoas, como a família e a comunidade.

Se a escola prepara cidadãos com consciência ambiental, a grande maioria dos professores opina que sim, mas que isto não depende só da escola, mas de toda sociedade e também dos meios de comunicação. A escola apenas media o conhecimento e cabe a cada um fazer sua parte. Um professor discorda de seus colegas e diz que a escola não prepara o aluno como cidadão com consciência ambiental, que a escola dá apenas uma noção de preservação ambiental, a qual é limitada por falta de recursos, profissionais com mais conhecimentos e principalmente pela falta de estrutura ambiental, e também por falta de conhecimento da família.

Na opinião dos professores, a população não está consciente dos seus atos que podem trazer sérios problemas ambientais que ainda surgirão, pois é necessário mais esclarecimentos e informações sobre o problema.

Com relação aos crimes ambientais que acontecem no Brasil, é preciso mais comprometimento governamental, mais fiscalização, e que as leis sejam cumpridas com responsabilidade e mais conscientização do homem.

Na escola 3, sobre a questão do que é educação ambiental, houve cinco respostas diferenciadas. Para o professor A, educação ambiental é o desenvolvimento e cultivo sistemático das capacidades naturais por meio do ensino, do exemplo e da prática, implica mudanças de comportamentos no educando em virtude da educação recebida. O professor B, descreve educação ambiental como: compreender a natureza como um todo dinâmico e o ser humano em sociedade, como agente de transformações do mundo em que vive, em relação essencial aos demais seres vivos e outros componentes do ambiente. Para o professor C educação ambiental é um processo onde o aluno participa ativamente do diagnóstico dos problemas ambientais e na busca de soluções. Educação ambiental para o professor D, conhecimento sobre o ambiente, a fim de ajudar à sua preservação e utilização sustentável dos seus recursos. O professor E, em esfera pessoal: essencial, pois começa no indivíduo. Em esfera Social: necessária para consciência ambiental em escala global, e em esfera governamental: sem importância para o governo.

Alguns professores responderam de maneira convincente, outros, entretanto, assim como em outras escolas pesquisadas, denota-se falta de profundidade para com a questão ambiental, bem como falta de comprometimento na luta pela preservação ambiental.

Sobre a inserção da educação ambiental no currículo escolar, todos afirmam ser de grande importância, pois visa formar cidadãos conscientes podendo contribuir para a melhoria das condições ambientais, sendo assim à esperança na mudança de hábitos da sociedade. Quanto antes for inserida na escola melhores resultados surgirão.

Quanto à forma de trabalhar com os alunos para a conscientização ambiental, todos trabalham cada um de sua forma, com cartazes educativos, músicas sobre o tema, aplicando conhecimentos discutidos em sala, e debates sobre as problemáticas ambientais.

Dos professores que responderam ao questionário três afirmam ter projetos sobre educação ambiental na escola, um não respondeu e outro afirma não ter nenhum projeto que trabalhe esta questão.

Sobre a responsabilidade da população, acreditam que falta ainda consciência por parte da sociedade, e que há muito discurso e pouca prática, e as escolas e órgãos governamentais ainda tomam medidas paliativas, isso reflete na população, gerando descumprimento ecológico em vários segmentos.

Todos afirmam ser de grande importância executar projetos que contribuam para a solução dos problemas ambientais e que na escola está abrindo espaço para discussões e debates, projeto sobre reciclagem do lixo etc.

A escola por si só não prepara cidadãos conscientes dos problemas ambientais, é necessário desenvolver pensamento lógico e espírito crítico, através das demais instituições sociais.

A sociedade em sua grande maioria tem pouca consciência dos problemas ambientais, sobre o que está realmente ocorrendo. Segundo os professores, falta colocá-los a par e orientar sobre atitudes corretas, porém faltam meios para terem acesso a essas informações, e um dos meios seria através de leis ambientais capazes de conscientizar e sensibilizar de como será o futuro das próximas gerações.

Quanto aos crimes ambientais que ocorrem no Brasil em larga escala, na opinião de todos os professores é a falta de que as leis sejam aplicadas, não apenas fiquem no papel e também trabalho de conscientização.

O questionário aplicado com as três pedagogas, sobre educação ambiental tem como respostas no geral o que se entende por educação ambiental: é o espaço que ocupam o lugar onde vivem, desenvolvendo hábitos de preservação, educando para a formação do indivíduo relacionado ao ambiente, visto que tudo o que está no meio ambiente é inter-relacionado e interdependente, portanto destruindo o ambiente em que vivem estão destruindo a eles mesmos.

Sobre a abrangência e profundidade dos conteúdos escolares relacionados a educação ambiental, todas afirmam que há uma abrangência e que também depende de muitos esforços para a formação do cidadão consciente, sendo um trabalho de longo prazo.

A forma como a escola trabalha a questão ambiental, e como estes são realizados, todas afirmam existir projetos que abordem essa questão, e que são desenvolvidos através de palestras, e também existe o projeto municipal A Guarapuava de Hoje, Preserva o Amanhã. Também com parceria de algumas entidades, a Secretaria da Educação Municipal participa de projetos que são desenvolvidos nas escolas que envolvem a questão ambiental.

Os professores participam de palestras, encontros promovidos pela SEMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura), para promover qualificação aos professores regentes, para os quais são direcionados esses projetos, como subsídios que abordam a questão ambiental. Assim se configura pelo fato de não existir um curso que seja ofertado especialmente sobre educação ambiental. Pode se perceber que falta ainda uma preocupação dos órgãos governamentais relacionado à questão ambiental, de oferecer cursos de capacitação nesse sentido.

Com relação ao questionário aplicado com as crianças das três escolas, alunos de quartas séries, no geral, percebemos que muitas já possuem algumas noções acerca da boa prática ambiental, de separar o lixo reciclável, saber usar bem a água sem desperdiçar, plantação de árvores. Deixar os ambientes limpos, não jogar lixos em rios, bueiros, em valas, em terrenos baldios, evitar queimadas dentre outras.

Mas ainda há muitas que têm uma visão limitada sobre educação ambiental,

vêm apenas como não jogar papel no chão. Nota-se que a educação ambiental está sendo trabalhada na escola apenas delimitando um determinado problema. Ou seja, apenas o lixo e reciclagem, sendo que os problemas ambientais vão muito além.

As informações e o que eles aprendem são transmitidos também para a família. Constatou-se que a criança está mais consciente sobre os problemas ambientais do que os adultos e que além de estarem conscientes eles colocam em prática suas atitudes.

Essa busca toda só pode passar pela formação de mentes comprometidas, cidadãos conscientes, que deve ser iniciado na escola esse comprometimento com a natureza.

Finalizando com uma citação de autoria de Leonardo Boff (1999) o qual expressa a preocupação de maneira abrangente com a questão ambiental na atualidade, estabelecendo relação direta com a qualidade de vida, bem como com o sistema capitalista vigente:

Pasca é a consciência coletiva que pesa sobre o nosso belo planeta. Os que poderiam conscientizar a humanidade desfrutam gaiamente a viagem em seu Titanic de ilusões. Mal sabem que podemos ir ao encontro de um iceberg ecológico que nos fará afundar celeremente. (BOFF, 1999 p.32)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O quadro atual da problemática ambiental sugere uma mudança de mentalidade e, conseqüentemente a adoção de novos paradigmas. No entanto, para que se concretize, é preciso atingir um grau de conscientização mais elevado e abrangente, em que cada vez mais pessoas sintam-se comprometidas por essa causa e passem interagir de modo diferenciado.

Pois, considerando que a qualidade de vida depende da conservação do meio ambiente, isso por si só exige que a utilização racional de um recurso qualquer, de modo a se obter um rendimento considerado bom, garantindo-se sua renovação ou sua auto-sustentação. Conservação ambiental quer dizer o uso apropriado do meio ambiente dentro dos limites capazes de manter sua qualidade e seu equilíbrio em níveis aceitáveis. Para a legislação brasileira, “conservar” implica manejar, usar com cuidado, manter, enquanto “preservar” é mais restritivo: significa não usar ou não permitir qualquer intervenção humana significativa.

Observa-se que, que só recentemente, descobriu-se que o equilíbrio rompido de maneira irreparável, conduzindo ao colapso o ecossistema em que vive. E descobriu que ele próprio, o homem, é o agente mais eficaz da ruptura do equilíbrio, iludido pela abundância de recursos naturais do planeta e provocado pela ambição de lucro numa sociedade de consumo, que permitiu a mais destrutiva e predatória exploração dos recursos na total inconsciência dos efeitos remotos dessa exploração.

A crise de energia e de alimentos, o aumento exponencial das taxas de poluição foram alguns dos fatores que alertaram o homem para a gravidade dos problemas ecológicos e transformaram a preservação do meio ambiente num objetivo nacional e supranacional prioritário.

Um grande desafio, tal objetivo impõe à humanidade, é o dever de continuar o processo do desenvolvimento dos bilhões de homens subdesenvolvidos, a baixos custos ecológicos e a baixas taxas de consumo. A urgência dos problemas ecológicos cria uma nova especialização de nível universitário interdisciplinar, para formar o ecólogo, ou gestor do meio ambiente.

O entendimento das conseqüências de alterações no meio ambiente permite compreendê-las como algo produzido pela mão humana, em determinados contextos

históricos, e comportam diferentes caminhos de superação.

Nessa perspectiva, são inúmeros os desafios a enfrentar, para a melhoria das condições de vida no mundo, principalmente a mudança de atitude em relação ao meio ambiente. Observa-se, que a falta de uma visão da totalidade dos problemas ambientais muitas vezes mascara o verdadeiro problema. Plantar árvores, criar animais, evitando sua extinção, recuperar rios e mananciais são atividades que se deve aplaudir e abraçar. Não se pode, porém, esquecer os barracos armados à beira das estradas com seus habitantes e os seus problemas, os atingidos por barragens e sua luta inglória, que os torna “sem terra” a procura de um lugar ao sol. Se não houver uma visão e tratamento humanitário certamente os cinturões de miséria aumentarão, maior será a fome, bem como os desequilíbrios sociais. É utópico esperar melhorias com uma sociedade nos moldes da atual, com esse modelo econômico vigente, e querer que todos tenham o mesmo nível. É imperioso, porém, que os princípios humanitários de satisfação das necessidades básicas de cada um sejam respeitados e satisfeitos. Não se pode construir um bem estar social para poucos sobre o terreno movediço da miséria e desabrigo da grande maioria. Pois bem, não se quer que esse mundo afunde no lixo, seja banidos da Terra pela desertificação, ver hospitais lotados por doentes intoxicados, doentes carenciais, desnutridos, se quer que seja feito mais para salvar o que resta das florestas, sobretudo que todas as pessoas sejam cidadãos da Terra. Essa busca toda só pode passar pela formação de mentes comprometidas, cidadãos conscientes, que resgatem o humanismo nas relações homem/natureza, e que a busca desenfreada do lucro não faça do homem um robô a serviço da autodestruição da espécie. A Educação Ambiental é ainda a principal alternativa.

REFERÊNCIAS

- BOFF, L. **Saber Cuidar. Ética do Humano: Compaixão pela Terra.** Petrópolis RJ: Vozes, 1999.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclo: apresentação dos temas transversais:** Brasília: MEC, 1997.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** São Paulo: Atlas, 1989.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **A educação ambiental no currículo da Educação** – Portaria nº 678/91.
- CHIAVENATO, J. J. **O massacre da natureza.** São Paulo: Moderna, 1994.
- D'AMBROSIO, U. **Transdisciplinaridade.** São Paulo: Palas Arthena, 1997.
- DIAS, GENEBALDO FREIRE. **Educação ambiental: princípios e práticas.** São Paulo: Gaia, 1998.
- MORAES, E. C. A construção do conhecimento integrado diante do desafio ambiental: uma estratégia educacional. In: NOAL, F. O; REIGOTA, M.; BARCELOS, V. H. L. **Tendências da educação ambiental** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.
- PACHECO, B. E. & FARIA, M. Ricardo. **Educação Ambiental em Foco.** Belo Horizonte. Lê, 1992.
- PETERS, E. L. PIRES, P. T. L. **Manual de Direito Ambiental.** Curitiba: Juruá, 2000.
- REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 1994.
- VESENTINI, J. W. **Geografia e Questão Ambiental.** São Paulo: Terra Livre. AGB. 1988.
- WOLF, R. A.P. **Educação Ambiental: a educação indispensável na formação de professores.** In: Maciel, Margareth de Fátima. [et all]. Educação e Alteridade. Guarapuava/Irati: Unicentro, 2007.

ANEXOS

Questionário para Pedagoga

- 1- O que é educação ambiental para você?
- 2- Segundo os PCNs, como tema transversal relativo ao meio ambiente, essa proposta é de plena validade e atual nesse aspecto. Em sua opinião há uma abrangência e profundidade desses conteúdos desenvolvidos em condições de aprendizagem dos alunos sobre a questão ambiental?
- 3- Como é trabalhada a questão ambiental na escola? Há algum projeto de educação ambiental que é desenvolvido? Qual, e como ele é realizado?
- 4- A secretária da educação participa e apóia o desenvolvimento desses projetos?
- 5- Há algum tipo de formação que é ofertado para os professores relacionado à questão ambiental? Que subsídios são utilizados para trabalhar a educação ambiental na escola?

Questionário para Professores Regentes da 4ª Série:

1. O que é educação ambiental para você?
2. Qual a importância da educação ambiental no currículo escolar?
3. Com o aumento dos problemas ambientais relacionado ao modelo capitalista e ao consumismo, como você tem trabalhado para a conscientização dos alunos em relação à questão ambiental?
4. Existe na escola algum projeto em desenvolvimento que aborde a questão ambiental?
5. A educação ambiental não é só responsabilidade da escola ou órgão governamental, e deve ser entendida como questão política que é responsabilidade de todos os cidadãos. Na sua opinião, a população está levando em consideração essa responsabilidade? Como?
6. Executar projetos como reciclagem do lixo, arborização e preservação ambiental contribui para a solução dos problemas ambientais, essas temáticas estão sendo discutidas na escola? Como?
7. Considerando que a educação e a formação de recursos humanos na área ambiental são instrumentos fundamentais para tornar o homem mais consciente, responsável e, sobretudo, preparado para desenvolver ações ligadas à preservação da qualidade do meio ambiente. Você acha que a escola prepara este cidadão para ter essa consciência ambiental? De que forma?
8. Em sua opinião, a população está consciente sobre a importância da preservação ambiental? Quais medidas que faltam para que a população perceba que é um problema sério que afetará muito mais as gerações futuras?
9. Educação ambiental é uma preocupação global, tanto que no Brasil acontecem coisas

terríveis na questão ambiental. Em sua opinião o que falta ainda para acabar com os crimes ambientais?

10. Qual sua opinião sobre a nossa pesquisa?

Questionário Para Alunos da 4ª Série

1. O que é educação ambiental para você?
2. Na sua escola, é trabalhado de que forma a educação ambiental?
3. Você acha importante ser trabalhado educação ambiental na escola? Por quê?
4. Que ações contribuem para a preservação ambiental?
5. De que maneira você contribui para a preservação ambiental? Na escola e fora dela (em casa e em outros lugares)?
6. Sobre o que você aprende, informações sobre a preservação você passa esse conhecimento para sua família e para comunidade? De que maneira?